

José María Rodríguez Olaizola, sj

A PAIXÃO em Contemplações de Papel



EDITORIAL AO

Título original

La Pasión en contemplaciones de papel
by José María Rodríguez Olaizola, SJ,
© Editorial Sal Terrae 2012
Grupo de Comunicación Loyola, S. L. U.
Bilbao (Spain)
gcloyola.com
ISBN: 978-84-293-2030-5

Tradução

Joana Ferreira da Silva

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal

559617/26

ISBN

978-972-39-1036-0

Fevereiro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa/livraria.pt | livros@rmop.pt

Introdução

Contemplar é olhar, mas de uma forma muito específica. É prestar atenção aos pormenores, absorver o que se vê e permitir-se comover-se, sentir-se implicado, envolvido. Isso tanto pode acontecer com uma paisagem, com uma pintura como com a própria vida. E, obviamente, isso também se pode fazer com o Evangelho. As suas cenas e personagens transbordam de humanidade, profundidade e verdade. Há uns anos, escrevi o livro *Contemplações de Papel*, no qual propunha ao leitor um mergulho integral em vários episódios evangélicos, tentando lê-los com a sensibilidade, as inquietações e as interrogações das pessoas de hoje, do nosso tempo. Apresentei ao leitor o jovem rico, Pedro, Marta e Maria, a viúva pobre de uma generosidade sem igual, a mulher curvada e outras personagens. Cada uma delas encontrava-se com Jesus e, nesse encontro, as suas vidas transformavam-se. Sem serem relatos inventados, eram episódios recriados a partir de histórias do Evangelho. Histórias que continuam vivas e atuais, porque a sua verdade transcende o instante concreto do momento em que aconteceram para nos falar das pessoas e da fé de hoje. Relatos que, no fundo, são um espelho das nossas próprias vidas. Penso que é essa a força das contemplações de papel: tentar fazer-nos mergulhar

nessas vidas, estabelecer pontes entre esses protagonistas e as nossas próprias experiências.

Quando escrevi a Introdução àquelas *Contemplações de Papel*, afirmei que talvez um dia me atrevesse a mergulhar de forma semelhante nos relatos da Paixão. E foi o que acabou por acontecer, embora tenha sido mais difícil do que imaginara. Não é fácil contemplar uma história da qual existem quatro narrativas cheias de *nuances*, como são os Evangelhos. Também não foi fácil encontrar a perspectiva correta. Deveria acompanhar os homens e as mulheres que testemunharam estas cenas? Deveria procurar a perspectiva do próprio Jesus? Afinal, é Ele o grande protagonista da Paixão. Porém, uma coisa é permitir-me alguma liberdade para entrar na vida das personagens da Paixão e outra muito diferente é pretender despojar o mistério. Acabou por me parecer mais natural tentar espreitar, mais uma vez, os sentimentos de Pedro, Caifás, Pilatos ou Madalena, e deixar que através dos seus olhos se fosse desvendando, sempre de forma incompleta, o que a Paixão tem de entrega, de abandono e de mistério na vida e morte de Jesus.

Encontrar um fio condutor foi outro desafio. Afinal, as contemplações de outros relatos do Evangelho têm a vantagem de ser episódios soltos. Cada um deles permite uma narrativa fechada. Já a Paixão não é assim. A Paixão é uma história maior, na qual passamos sucessivamente de um cenário ao outro. Diante desta realidade, como

a deveria abordar? Optar por um único Evangelho e fazer as contemplações a partir dele, ou recorrer a todas as fontes para tentar oferecer um retrato da Paixão e das suas personagens tão amplo quanto possível? Optei pela segunda possibilidade. Ao mesmo tempo, também optei pela liberdade. Porque não queria incluir tudo: todas as palavras, todos os acontecimentos, todas as personagens, todos os gestos... Mantive a mesma estrutura das primeiras *Contemplações de Papel*: capítulos que incluem uma contemplação, uma reflexão acerca do fio condutor que tece essa história e um poema-oração final. Este livro tem a particularidade de as contemplações irem moldando uma narrativa sequencial do último dia da vida de Jesus, guiada por várias testemunhas que nos conduzem através deste relato.

Que personagens escolher? Nas *Contemplações de Papel* havia várias personagens dos Evangelhos: Marta, Zaqueu, a mãe dos Zebedeus, Levi, a viúva que deixa uma moeda no templo... Eram homens e mulheres, velhos e novos. Na viagem pela Paixão foi necessário tentar ser o mais fiel possível às situações descritas, sem acrescentar demasiado, ainda que seja possível imaginar os sentimentos e as histórias dos diferentes protagonistas. São várias as personagens que assumem o papel de guias neste percurso: os discípulos, Caifás, Pilatos, Herodes, os soldados, Madalena... Desta vez, há menos mulheres. Mas o que é importante é que, independentemente do guia, as suas circunstâncias refletem, muitas vezes, aquilo que nós, homens e mulheres,

continuamos ainda hoje a viver, quando nos deparamos com as grandes encruzilhadas das nossas vidas e as pequenas batalhas do dia a dia.

Na Paixão encontramos-nos com as grandes questões da vida, de muitas vidas: o amor e o medo. A fragilidade que é capaz de assumir os seus erros e a fragilidade que não o faz e fica prisioneira da culpa e do remorso. A dureza de coração e a compaixão profunda. O perdão, o rancor, o egoísmo dos que procuram a sua própria conveniência. A fidelidade de quem não tem medo de arriscar em favor daqueles que ama. A ternura, que aparece incessantemente nos recantos mais inesperados.

E encontramos-nos, evidentemente, com Jesus. É Ele quem, de uma forma ou de outra, nos dá a conhecer mais e melhor Deus e o ser humano. A partir da entrega e do mistério. Desde os gestos concretos da sua vida até ao último gesto de abraçar a cruz.

Para mim, percorrer a Paixão foi um caminho fascinante e, ao mesmo tempo, difícil. Agradeço, mais uma vez, a possibilidade de o poder partilhar.

José María R. Olaizola

Capítulo 1

O LAVA-PÉS

1. Contemplação de papel: Servir

Três homens caminham apressadamente pelas ruas estreitas de Jerusalém. Param para pedir indicações. Uma mulher explica-lhes o caminho que devem seguir para chegar à casa que procuram. A cidade está cheia de gente que veio celebrar a Páscoa e todos parecem aguardar ansiosamente o fim do dia. Esteve um dia quente e, nas ruas, as pessoas e os animais misturam-se numa amálgama heterogênea e levantam nuvens de pó que queimam a garganta.

Pedro está de bom humor. De tal forma que, apesar de não se darem muito bem e de, por vezes, se olharem com desconfiança, até se vai metendo com Tiago enquanto se dirigem para o ponto de encontro. Fica satisfeito por ver que o outro também parece gostar da brincadeira. Nada mau, para variar. As últimas semanas foram difíceis e sentiu-se um clima sombrio que tem mergulhado o grupo numa espécie de angústia. Por vezes, dá por ele a pensar com saudades nos primeiros dias de convivência com Jesus, quando o habitual era ouvirem-se elogios por causa daqueles que o galileu curava ou ajudava. Depois, tudo começou a correr

mal. Começaram a circular rumores de uma conspiração para acabar com Jesus. Rumores que não esmoreciam, antes pareciam multiplicar-se; a fricção entre eles tornou-se uma fonte de conflitos; e desde há meses que as emoções estão ao rubro. Olha de relance para Judas, que caminha com os seus próprios pensamentos, alheado.

«Chega de tristezas! Hoje não vai ser assim», diz Pedro para si próprio, abanando a cabeça, determinado a não deixar que nada nem ninguém lhe tire o entusiasmo com que se prepara para celebrar a Páscoa.

Depois de dias a andar de um lado para o outro, a dormir ao relento, a comer no caminho ou em casa de anfitriões desconhecidos, onde tudo é solene ou especial, não é mau, para variar, fazerem uma refeição juntos, debaixo de um teto. Quando Jesus deu instruções para se preparar a ceia numa casa em Jerusalém, a alegria foi geral. Todos pareciam felizes por poder partilhar esta noite. Hoje não há necessidade de pensar nas autoridades judaicas, nos conflitos em que estão envolvidos nem nas disputas entre eles, tão presentes nos últimos tempos.

Reconhecem a casa pelas indicações recebidas. À entrada está uma mulher robusta, provavelmente a dona. Assim que os vê aponta para a escada exterior que conduz ao primeiro andar. Quando sobem e entram na sala, percebem que os outros já chegaram. O ambiente geral é de excitação e alegria. Há risos, movimento e conversas entrecruzadas. Pedro procura Jesus com o olhar, com um misto de instinto possessivo e de necessidade. Espera que

os seus olhos se encontrem com os do mestre; e quando isso acontece e Jesus levanta as sobrancelhas e lhe sorri em sinal de boas-vindas, fica tranquilo. Por vezes, sente-se como uma criança que precisa da aprovação do outro; e, embora não goste, não o consegue evitar. Tem uma verdadeira devoção a Jesus. Admira-o desde que este o chamou há três anos e tem a certeza de que daria a sua vida por ele.

Junta-se à conversa de Filipe e Natanael, que o recebem alegremente. Do rés do chão chegam-lhe os aromas do banquete que o fazem salivar de antecipação. Cheira bem. A carne, pão e especiarias. Observa os rapazes que preparam as mesas e repara que está tudo pronto para a ceia. Ao sentir o cheiro a borrego, o seu estômago esfo-meado protesta e, baixando a voz, põe a mão na barriga dizendo aos outros que hoje não vai deixar sobras. De vez em quando, vê que alguém, para além de si próprio, olha para Jesus, como que à espera de que este ocupe o seu lugar à mesa para dar início à refeição. O mestre parece calmo, mas Pedro, que o conhece bem, julga ver sinais de tensão no seu rosto. No entanto, por uma vez, vai ser cauteloso e não vai perguntar se está tudo bem. Não vale a pena estragar o momento.

Por fim Jesus senta-se à mesa e os discípulos imitam-no. Contudo, em vez de iniciar as bênçãos rituais, levanta-se de novo e vai até um canto, sob o olhar intrigado dos amigos. Pousados no chão estão uma bacia de barro e um jarro de água, preparados para as purificações rituais.

Os olhos de Pedro encontram os de João, que parece perplexo e também não sabe o que o mestre quer fazer. Jesus tira a túnica, pega no jarro e numa toalha e vira-se para eles, que estão imóveis, sem saber o que os espera. Porque age o mestre como se fosse um criado? Será que pretende lavar-lhes as mãos? André, que está mais próximo, questiona-o em voz baixa, como se tivesse medo de falar demasiado alto. Não precisava desse cuidado, uma vez que a conversa entre os dois se ouve perfeitamente no meio do silêncio. Jesus quer lavar-lhes os pés. O coro de protestos é simultâneo, mas o mestre silencia-os com um olhar cortante. André, hesitante, sai da mesa, senta-se num banco e deixa Jesus deitar água sobre os seus pés empoeirados, com uma expressão embaraçada e evitando olhar para os outros.

Pedro, confuso, tenta perceber o que se passa. Sente-se nervoso, espera que alguém intervenha. Não gosta de ver o mestre a comportar-se como um servo. Jesus lava os pés do discípulo com cuidado. Na sala, ouve-se apenas o som da água a cair do jarro para a bacia e, ao longe, os ruídos de Jerusalém a preparar-se para a noite. O mestre limpa suavemente os pés de André, que se levanta e regressa ao seu lugar, reclinando-se num dos bancos dispostos à volta da mesa. Após um momento de hesitação, Levi ocupa o lugar de André. No seu rosto espelham-se a timidez e a emoção. Ele, o cobrador de impostos, aquele que um dia abandonou o seu posto de trabalho para seguir Jesus, fica simultaneamente impressionado e comovido com este gesto que combina ternura e humildade.

O ritual improvisado prossegue, no meio do silêncio do grupo: Tiago, Filipe, Bartolomeu... Quando chega a vez de Judas, o desconforto do Iscariotes é visível para todos. Ainda está fresco na memória coletiva o último confronto em Betânia, quando Judas irrompeu em gritos de indignação perante o desperdício de Maria ao lavar os pés do mestre com um frasco de perfume. Será este gesto de Jesus uma forma estranha de responder ao mais rebelde dos seus discípulos?

Pedro não compreende nada. À medida que a sua vez se aproxima, sente-se cada vez mais nervoso e zangado. «Com Jesus, nunca nada é normal», resmunga para si próprio. De repente, a fome e o bom humor desaparecem. Por isso, quando Jesus olha para ele, à espera que se sente no banco, decide que tem de fazer alguma coisa. Passa-lhe também pela cabeça que esta é uma oportunidade de marcar a sua diferença em relação aos outros, que reagiram docilmente, permitindo que Jesus se comportasse como um servo, e isso leva-o a reafirmar a sua objeção. Permanece de pé.

– Senhor, tu é que me lavas os pés? – a pergunta é desafiante e como todos o conhecem bem, sabem que é a sua maneira de recusar.

– O que eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás de compreendê-lo depois – respondeu Jesus, olhando-o com calma.

Pedro não consegue controlar a sua irritação. Enfurece-se com esta linguagem que não compreende e responde obstinadamente:

– Não! Tu nunca me hás de lavar os pés!

Os outros olham-no, espantados. Pedro, de pé, enorme, está de frente para Jesus, que, ainda curvado no chão, o observa com seriedade. Depois, o mestre pouisa o jarro, levanta-se lentamente e fica de frente para o discípulo.

– Se eu não te lavar, nada terás a ver comigo.

Falou com um misto de pesar e firmeza.

Pedro fica branco como a cal. Mais uma vez, sente que se enganou. Nada a ver com ele? Mas ele não concebe a sua vida de outra forma, é amigo dele, é o seu mestre, o seu guia...! Imediatamente a voz quebra-se-lhe e o rosto revela uma angústia muito diferente da anterior postura de desafio. Não se importa de retificar, de reconhecer que está errado, embora continue a não compreender nada:

– Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça – balbuciou, enquanto estendia as mãos para o outro e se começava a baixar. Jesus detém-no, colocando-lhe a mão no ombro.

– Não é uma questão de te lavar, não vês que já estão limpos?

Pedro não sabe o que pensar. Mas Jesus conclui a sua frase com uma afirmação brutal: – ...embora nem todos.

Pedro morde o lábio: quem é que não está limpo? O que está Jesus a dizer? Os discípulos olham uns para os outros, confusos.

Pedro, impressionado, senta-se no banco e deixa que Jesus lhe lave os pés. Com delicadeza, com cuidado, com ternura. Sentir a mão do amigo a limpar-lhe o pó da terra conforta-o, apesar da estranheza da cena. Continua a

sentir-se mal e as palavras de Jesus continuam a ecoar na sua cabeça e fazem-no tremer: «... nada terás a ver comigo», «... nada terás a ver comigo». No entanto, quando vê o mestre reclinado a seus pés, surge um lampejo de compreensão. Outras memórias, palavras sobre servir os outros, ditas noutros momentos, querem emergir. Mas as ideias desaparecem e, quando Jesus acaba de lhe limpar os pés, Pedro volta rapidamente para o seu lugar. Os outros evitam olhar para ele.

O espantoso ritual prossegue até que o último dos doze se senta. Por fim, Jesus levanta-se, veste o manto, volta à mesa e reclina-se no seu lugar. Pedro olha para baixo com tristeza. Perdeu a vontade de cear, de festejar e de fazer barulho; e os outros, embora não pareçam tão desconfortáveis quanto ele, continuam em silêncio. É Jesus quem fala primeiro.

– Compreendeis o que vos fiz?

Olha diretamente para Pedro. Pedro levanta-se, olha para ele e, não vendo nos olhos do amigo qualquer reprovação ou raiva, fica tranquilo. Jesus continua:

– Chamais-me mestre e senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se eu, que sou vosso mestre e senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que façais como eu faço.

E Pedro compreende. De imediato. Como sempre, passa do retraimento à abertura num instante. Agora, lembra-se das palavras que Jesus proferiu noutra ocasião: «Os chefes têm de servir». Ou das críticas contra aqueles

que procuram os lugares de honra nos banquetes. A raiva dissipa-se e, como lhe acontece nos momentos em que olha para o mundo do seu mestre, a alegria invade-o ao imaginar como seria viver à sua maneira: um mundo em que os poderosos não usassem a sua força como arma para subjugar os fracos ou como pedestal para olhar de cima para os mais pequenos. Com a mesma convicção com que há poucos minutos se recusava a ser servido por Jesus, imagina-se agora a curvar-se aos pés dele. Imagina-se curvado aos pés dos outros, dos outros mais simples, dos mais pequenos, dos mais pobres, dos mais doentes..., e entusiasma-se com a ideia. É isso que Jesus lhe faz continuamente: desequilibra-o, dá a volta às suas perceções, abana-o e, sem saber bem como, acaba por lhe abrir os olhos e encher o coração.

Volta a sorrir, enquanto Jesus continua a falar, e julga notar um piscar de olhos do mestre só para ele. «Que malandro...», pensa com carinho. E recosta-se no seu lugar, sentindo o seu coração novamente leve. Quando finalmente a comida começa a chegar e o vinho a ser servido, sente-se exultante.

2. Poder e serviço

A cena do lava-pés é um enorme pórtico de entrada para a Paixão. Jesus, com a toalha cingida à cintura, prostrado para lavar os pés aos seus discípulos. E Pedro, incapaz de compreender, desafia-o. Penso que é fácil colocarmo-nos

no lugar de Pedro e perceber que muitos de nós, perante a mesma situação, também nos sentiríamos desconfortáveis. A lógica do serviço é difícil de entender, quer seja na vertente de servir, quer na de deixar-se servir. Mas o aspeto mais radical do lava-pés é a forma como, mais uma vez, e já são várias ao longo dos Evangelhos, Jesus associa o serviço ao poder. E isso é sempre surpreendente.

Parece-nos haver um contraste entre o Deus todo-poderoso e o Filho prostrado diante dos seus discípulos? Sim, muito provavelmente, e talvez achemos isso porque, quando pensamos no todo-poderoso, imaginamos um Deus enorme, formidável, num céu qualquer, a partir do qual determina tudo o que acontece. O interessante é que esse contraste não existe, o que há é uma concretização: o poder exerce-se através de um amor que serve. O todo-poderoso mostra-se em todo o seu esplendor prostrado, com a toalha nas mãos, a secar suavemente os pés dos seus e a dizer: «Fazei também vós o mesmo».

Quão boa não seria uma sociedade em que o poder fosse realmente utilizado para o bem dos outros! Sobre-tudo para os mais frágeis, os mais vulneráveis e feridos. Ao fazer esta afirmação, pensamos imediatamente nos poderosos, nos homens e mulheres que ocupam cargos de responsabilidade, que têm os nomes gravados nas portas dos seus gabinetes e que são tratados com deferência onde quer que vão. Podemos pensar em listas como as que todos os anos a revista *Forbes* publica e que mostram quem é o mais influente, o mais rico ou o mais popular. Mas também é importante reconhecer que o poder pode

ser mais acessível, mais subtil e mais presente. Que todos somos poderosos e dispomos de mais recursos e capacidades do que imaginamos.

Fontes de poder

A sociedade contemporânea possui muitas fontes de poder que se combinam de várias formas: o dinheiro, a educação, a força, as posições de autoridade, a saúde, a informação, a beleza, o talento, a fama, o afeto... O que é interessante é que estas fontes de poder estão ao alcance de muitos de nós. Como é evidente, não se pode comparar a fortuna de Bill Gates com os recursos de um cidadão de classe média; mas em ambos os casos, sobretudo quando os colocamos em perspectiva (por exemplo, comparando-os com a situação daqueles que nada possuem), temos mais possibilidades do que às vezes achamos.

O *poder do dinheiro* é abrir as portas. É garantir o conforto, a estabilidade, o bem-estar e a segurança de tudo aquilo que se pode pagar. Quanto mais liquidez tiver, mais privilégios lhe são oferecidos. Há cartões de crédito que o tornam automaticamente merecedor de privilégios e vantagens.

A *educação* também dá poder. Por vezes, em determinados contextos, nem nos lembramos de que algo tão básico como saber ler ou escrever marca uma diferença radical no nosso mundo. Para além da educação primária, ter acesso à cultura, possuir uma determinada formação

profissional ou estudos universitários... dá capacidades às pessoas, e dizer que as torna capazes é sinónimo de dizer que as torna poderosas.

Para algumas pessoas, o poder é a *força física*. Como atualmente há formas de resolver os conflitos que evitam o recurso à violência física, este tipo de força não tem tanto peso como já teve no passado. Mas continua a ser, em certos contextos, um instrumento de dominação e de submissão.

As *posições de autoridade* dão poder. Esta realidade está muito ligada ao mundo do trabalho ou a certos cargos públicos. Qualquer pessoa que tenha uma posição que implique a capacidade de dar – ou de negar – respostas aos outros, considera-se «dona do seu quintal». Por vezes, são quintais mesmo pequeninos, mas que permitem às pessoas pequenos atos de reafirmação da sua autoridade. Isto tanto vale para o diretor de um liceu como para o diretor de um banco, o diretor comercial de uma empresa ou o sacristão de uma igreja. Por vezes, aquele que tem a única chave de uma porta converte-se num defensor zeloso do seu posto.

A *saúde* nem sempre é apreciada como devia. Provavelmente, só quando falta – a si ou aos seus – é que compreende a liberdade que lhe dá, a capacidade de movimento que lhe permite e descobre que não a possuir limita a sua autonomia, as suas possibilidades, a sua ini-

ciativa. Ser saudável é uma forma muito real e concreta de ser poderoso.

A informação é poder. Se hoje em dia já está banalizada a afirmação de que a imprensa é o quarto poder, até em contextos mais quotidianos e domésticos o controlo da informação é uma ferramenta útil. Porque ajuda a tomar decisões com maior ou menor risco. Permite agir com pleno conhecimento de causa. Quanto mais informação tivermos, mais facilmente saberemos interpretar os milhares de situações quotidianas em que estamos envolvidos. Basta pensar na importância da informação em domínios que vão desde o local de trabalho às relações.

Na cultura da imagem, é comum insistir no *valor da beleza*. Não é novidade. Dorian Gray, a personagem de Oscar Wilde, usava a sua beleza como uma arma de sedução para manipular os outros a seu bel-prazer. Insiste-se na posição privilegiada que as pessoas atraentes possuem, e é verdade que uma pessoa dessas, se souber jogar as suas cartas, pode dominar o jogo da sedução e ter acesso a muitas vantagens. De braço dado com a beleza está o *poder da juventude*, tão mitificada, invejada e desejada.

O *talento* é outra fonte de poder. Talvez hoje pareça que os mais bem sucedidos não são os mais capazes, mas antes os mais atrevidos, os mais mediáticos ou os que participam em *reality shows*. Mas, na realidade, na vida do dia a dia, ter uma capacidade é uma ferramenta nas mãos

de quem a possui. Há quem saiba falar em público, quem saiba escrever, quem seja intuitivo, quem seja um «faz-tudo», ou inteligente... E tudo isso dá força.

A *fama* dá poder. Independentemente da forma como se alcança. É notável a capacidade que os famosos têm de mobilizar as pessoas. Por isso são tão utilizados na publicidade, em campanhas de todo o género. A fama dá visibilidade, e isso também nos torna poderosos.

E deixo o *afeto* para o fim desta enumeração, porque é uma das fontes mais profundas de poder, mesmo que o seu alcance seja mais curto. Os sentimentos são poderosos. E o afeto ou, para ser mais direto, o amor dá poder porque dá motivos. Pense só em tudo o que as pessoas parecem estar dispostas a fazer, a arriscar e a pôr em jogo por aqueles que amam. O amor é um incentivo, um estímulo, um impulso. A isto deve acrescentar-se um dado importante: as relações nem sempre são simétricas, pelo contrário: são quase sempre assimétricas. Não importa se estamos a falar de relações, de amizades, de laços familiares...: há quem dê mais, se entregue mais, se envolva mais, e quem, no extremo oposto, dê menos, queira menos... Ora, normalmente, embora isto não soe bem, aquele que é amado tem muito poder. Porque o afeto pode envolvê-lo de tal forma que o torna vulnerável, necessitado da outra pessoa, e isso significa dar-lhe poder sobre a sua vida. Isso não é bom nem mau, é humano. A alternativa – não precisar de ninguém para que ninguém tenha poder

sobre nós – pode ser confortável, mas é fria. De qualquer forma, esta assimetria dá muito poder àquele que é amado. O desafio é usar este poder nascido do amor com uma delicadeza especial, porque normalmente impressiona as pessoas na sua essência mais profunda.

Exercer o poder para servir

É fascinante o que uma pessoa, um grupo, um povo pode conseguir. Há figuras que são paradigmáticas, que com a sua determinação e a sua coragem são capazes de transformar o mundo. Pensemos por um momento numa certa freira albanesa que, sem nenhum tipo de recursos, entrou nos bairros de lata de Calcutá, deixando para trás a segurança do convento em que tinha vivido até então. A sua determinação em colocar-se ao serviço dos mais pobres daquela sociedade fez com que muitos outros abrissem os olhos, as mãos e o coração, e hoje a obra de Madre Teresa estende-se por todo o mundo como um verdadeiro canto à compaixão humana.

Pensemos em Aung San Suu Kyi, que se tornou um símbolo da resistência à brutal ditadura na Birmânia. Aproveitou o seu poder, a sua educação em Inglaterra, os seus laços familiares e a atenção de que era alvo por parte dos meios de comunicação para enfrentar os que exerciam o poder da violência e das armas.

Recordemos aquele rapaz que fez parar um tanque em Tiananmen, há mais de trinta anos, recusando-se a sair

da sua frente. E pensemos também no soldado que, dentro do tanque, se recusou a passar por cima dele, embora provavelmente os seus superiores o tenham exortado a fazê-lo. Suspeito que ambos acabaram nalguma prisão chinesa, castigados por exercerem a sua liberdade.

Aí está o desafio que se coloca hoje a cada um de nós: colocar as nossas capacidades, o nosso valor, os nossos recursos ao serviço de algo. De quê? Se prestarmos atenção ao Evangelho, dos bem-aventurados, dos simples, dos pobres, dos homens e mulheres que encontramos na vida e que podem precisar de nós. Ao serviço do próximo, procurando tornar a sua vida mais plena. Na realidade concreta de cada dia. Imagine um mundo em que todos vivêssemos assim. Em que, realmente, os educadores quisessem o melhor para os alunos, ou os médicos para os pacientes. Um mundo no qual as pessoas da Igreja pensassem, a todo o momento, no bem daqueles com quem a nossa vida se cruza. Um mundo em que todos os políticos pensassem verdadeiramente no bem dos cidadãos e não nas suas pequenas ou grandes ambições. Em que as relações familiares evoluíssem assentes sobre o amor generoso e não sobre o egoísmo. Provavelmente, seria um mundo melhor. Continuaría a ser um mundo imperfeito, frágil e complicado como é o nosso, porque nós também somos imperfeitos, frágeis e complicados. Mas, de certeza, seria um mundo melhor.

3. Oração: Curiosa forma de nos pagar

*A tua justiça estranha perturbava-me,
essa forma de medir
que esquecia as horas de trabalho.
Irritava-me com os que fizeram menos,
acreditaram menos,
sacrificaram menos,
e indignava-me contra ti, que parecias nada ver.
Tentava negociar um pagamento melhor,
algum reconhecimento,
uma ou outra medalha.
Magoava-me a injustiça dos teus pagamentos.
Estranhava a absurdez dos teus prémios
Irritava-me – reivindicação e inveja –
a sorte dos jornaleiros de última hora.
Até ao dia em que fui eu o último,
o mais tolo,
o mais frágil,
o pior,
o mais amado...

... e comecei a entender.*

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	7
Capítulo 1. O lava-pés	11
1. Contemplação de papel: Servir	11
2. Poder e serviço	18
3. Oração: <i>Curiosa forma de nos pagar</i>	26
Capítulo 2. A Última Ceia	27
1. Contemplação de papel: A Última Ceia	27
2. A Paixão começou com uma festa.....	33
3. Oração: <i>Ama</i>	39
Capítulo 3. A oração no Horto	41
1. Contemplação de papel: Uma vigília estranha em Getsémani	41
2. Incertezas	49
3. Oração: <i>Alternativas</i>	54
Capítulo 4. A prisão	57
1. Contemplação de papel: A história de Malco.....	57
2. O espectador	65
3. Oração: <i>Apóstolo</i>	71
Capítulo 5. O julgamento de Caifás	73
1. Contemplação de papel: O Sinédrio.....	73
2. Gaiolas douradas: A segurança.....	83
3. Oração: <i>Veredictos</i>	90

Capítulo 6. As negações de Pedro	93
1. Contemplação de papel: A noite amarga de Pedro	93
2. Lições da fragilidade.....	101
3. Oração: <i>Pés de barro</i>	109
Capítulo 7. O suicídio de Judas	111
1. Contemplação de papel: A noite amarga de Judas.....	111
2. A culpa.....	115
3. Oração: <i>Perdão</i>	119
Capítulo 8. A mulher de Pilatos	121
1. Contemplação de papel: Quem falará em defesa de um justo?.....	121
2. O justo perseguido	127
3. Oração: <i>Todos os santos</i>	135
Capítulo 9. O julgamento de Herodes	137
1. Contemplação de papel: Faz-nos um milagre.....	137
2. Gaiolas douradas: A superficialidade.....	149
3. Oração: <i>Vaidade</i>	156
Capítulo 10. O julgamento de Pilatos	159
1. Contemplação de papel: Pilatos numa encruzilhada	159
2. Gaiolas douradas: O egoísmo	170
3. Oração: <i>Para a liberdade</i>	178
Capítulo 11. Via-Sacra	179
1. Contemplação de papel: O Cireneu ajuda Jesus.....	179
2. Carregar a cruz.....	189
3. Oração: <i>Quando veio a luz</i>	196
Capítulo 12. Repartiram a sua roupa	199
1. Contemplação de papel: Crucifixão.....	199
2. A indiferença.....	203
3. Oração: <i>Testemunho</i>	209

Índice

Capítulo 13. O bom ladrão	211
1. Contemplação de papel: Comigo	211
2. Encontro	218
3. Oração: <i>Até ao último dia</i>	225
 Capítulo 14. Morte na cruz	 227
1. Contemplação de papel: As últimas palavras	227
Interlúdio. Cântico do Servo	235
2. Uma história de amor	237
3. Oração: <i>Crucificadas</i>	244
 Capítulo 15. O sepultamento de Jesus	 247
1. Contemplação de papel: A hora de José de Arimateia	247
2. Um passo em frente	254
3. Oração: <i>Abriu-lhes os olhos</i>	261
 Epílogo. Os que procuram Deus	 263
1. Ressurreição	263
2. A procura	268
3. Aprendizagens	268
4. Os que procuram Deus	269
5. Testemunhas	270
6. A força do Espírito	272
7. Epílogo	274
8. Oração: <i>Espírito</i>	275
 <i>Índice</i>	 277